

## PE-013 - IMPACTO DO DISTANCIAMENTO SOCIAL EM RESPOSTA À COVID-19 EM HOSPITALIZAÇÕES POR PNEUMONIA EM CRIANÇAS NO BRASIL

Laura de Castro e Garcia<sup>1</sup>, Frederico Friedrich<sup>1</sup>, Lucas Montiel Petry<sup>1</sup>, Marina Puerari Pieta<sup>1</sup>, Gustavo Eggers Carvalho<sup>1</sup>, Leonardo Araújo Pinto<sup>1</sup>

1 - Escola de Medicina, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Introdução:** Nosso grupo recentemente demonstrou que o distanciamento social com o objetivo de controlar a pandemia de COVID-19 reduziu significativamente a carga de bronquiolite viral em crianças. **Objetivo:** Este estudo pretende avaliar o impacto das intervenções de controle da pandemia de COVID-19 nas hospitalizações por pneumonia em crianças de 1 a 14 anos no Brasil. **Material e Métodos:** Dados de internações hospitalares por pneumonia foram obtidos pelo banco de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) para o período de 2015-2020 (mês a mês) no Brasil. Foram analisados os dados de todas as macrorregiões brasileiras. As faixas etárias de interesse foram as de crianças e adolescentes < 14 anos, incluindo ambos os sexos. Para avaliar o efeito das medidas de contenção da pandemia na incidência de pneumonia, a redução absoluta e a redução relativa foram calculadas através da análise dos subconjuntos do período 2015-2019 vs. 2020. **Resultados:** Comparando os subconjuntos de Abril-Agosto 2015-2019 vs. Abril-Agosto 2020, houve uma redução expressiva na incidência média de hospitalizações, com números variando entre -87% [IRR 0.12 (0.10 a 0.14)] para crianças menores de 4 anos, -79% [IRR 0.21 (0.07 a 0.57)] para crianças de 5-9 anos, -73% [IRR 0.26 (0.05 a 1.21)] para crianças de 10-14 anos e -86% [IRR 0.14 (0.06 a 0.29)] para menores de 14 anos. Utilizando uma grande plataforma epidemiológica da saúde pública brasileira, encontramos uma redução significativa nos casos de pneumonia durante a pandemia de COVID-19. **Conclusão:** Conclui-se, portanto, que as intervenções de saúde não farmacológicas podem contribuir para o controle tanto da COVID-19 quanto de outras doenças respiratórias infecciosas.

## PE-014 - HESITAÇÃO VACINAL EM AMBULATÓRIO ESCOLA NO SUL DE SANTA CATARINA

Flavia Waltrick Morgado<sup>1</sup>, Layne Hellmann Ávila<sup>1</sup>, Camila Lehmkuhl de Arruda<sup>1</sup>, Camila Jocken Stange<sup>1</sup>, Natalia de Amorim Faria<sup>1</sup>, Carolina Marques de Avellar Dal-Bo<sup>1</sup>

1 - Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL.

**Introdução:** Hesitação vacinal é o atraso em aceitar ou a recusa das vacinas recomendadas. A Organização Mundial da Saúde recomenda uma cobertura vacinal por volta de 95% para garantir os benefícios da vacinação, e apesar disso, a hesitação em vacinar é uma tendência crescente, que deixa parte da população suscetível a doenças imunopreveníveis e favorece o ressurgimento de enfermidades previamente erradicadas. **Objetivo:** Identificar a hesitação vacinal e os fatores associados a esta em um ambulatório escola no Sul de Santa Catarina. **Método:** Estudo observacional transversal, realizado através da aplicação de questionário próprio com 221 responsáveis por crianças e adolescentes até 16 anos. Foram considerados hesitantes os responsáveis que atrasaram a aceitação de alguma vacina ou que a recusaram completamente. **Resultados:** Apesar da totalidade dos responsáveis assumir que vacinam seus filhos, 84,2% relataram as carteira de vacinação estavam atualizada. Entre os participantes, 87,7% disseram confiar nas vacinas e 76,81% disseram se preocupar com os efeitos adversos. Em relação à hesitação vacinal, um em cada cinco (20,90%) admitiu já ter hesitado, sendo que, entre o grupo hesitante, 52,77% deixaram de aplicar somente uma vacina recomendada, enquanto 41,66% vacinaram, mesmo hesitando. No que corresponde aos motivos da hesitação, 43,13% citaram ter presenciado ou ouvido falar dos efeitos adversos após a vacinação, 25,49% acham que a vacina não é segura e 19,60% que a vacina não faça o efeito descrito. **Conclusão:** A prevalência de hesitação vacinal neste estudo foi de 20,90%, sendo os efeitos adversos à vacina o principal motivo. Este resultado é preocupante, pois afeta negativamente a taxa de cobertura vacinal e sugere a necessidade de reforço nas estratégias de orientação e relação com médico, sobretudo, o pediatra, já que é fonte importante de informações e incentivo relacionados a vacinação da criança.